PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM FONOAUDIOLOGIA

LINHA DE PESQUISA LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE

A análise de dados e a emergência do sujeito na clínica fonoaudiológica

SILVA, Gisele Gouvêa da

Mesa Redonda: A Transcrição na Clínica Fonoaudiológica. 8º Congresso Internacional da ISAPL, Porto Alegre-RS, 2007.

FREIRE, Regina Maria Ayres de Camargo; POLLONIO, Cláudia Fernanda; SILVA, Gisele Gouvêa; CASTELLANO, Giuliana Bonucci.

Resumo

No caso do Sr.N, optou-se pela transcrição ortográfica regular, pois o interesse está nos caminhos insistentes tomados pelo significante na fala do sujeito. Em tela, os erros, falhas, enganos, equívocos que a estrutura da fala faz na língua e na escrita são entendidos como formas de entrever o sujeito em seu funcionamento lingüístico-discursivo. O retorno à fala do Sr. N. se processou sob a escrita das relações entre a estrutura dos sintomas na linguagem do sujeito, bem como sob a metáfora e metonímia e a sanção do Outro. Assume-se, nesta pesquisa, que o sistema de posições ocupadas pela Fonoaudióloga (F) e pelo paciente, o Sr.N., é assimétrico. Dito isso, passa-se a um diálogo sobre um livro de animais que ambos se entretinham:

1 F.: Como chama *esse* passarinho *aí*?

2 Sr.N.: Nu sei, é, num sei, como chama *esse*.

3 F.: Aqui tá dizendo que chama **pica-pau.**

4 Sr.N.: Isso, aquele que joga **tó-tó-tó-tó, to-tó-tó-tó,** é,

passarinho, esse, (S.I.), ganta esse aqui.

A primeira questão diz da sanção que a fonoaudióloga faz à fala do Sr.N. Este corte incide sobre a relação pergunta-resposta: *"Como chama esse passarinho aí?"*, ou seja, a sanção na linha da interrogatividade faz transbordar o sintoma, no caso a anomia. Vê-se que a sanção faz com que o traço apague a coisa e a recusa por abolição produz imediatamente *"Nu sei, num sei, como chama esse"*. Note-se que um dos sintomas que se manifesta na fala do Sr. N. é da ordem do juízo de atribuição – isso se chama X, ponto que precisa ser tocado pela terapeuta para que o paciente possa assumir outra condição e direção para sua fala. A fala da Fonoaudióloga em (1) incide sobre a fala do Sr.N. em (2) como rejeição à cadeia significante em sua função metafórica – passarinho/pica-pau -, que em (3) retorna com F no nível da cadeia significante. Isso possibilita em (4) que Sr.N. deslize pelas duas cadeias: a da sintaxe e a do sentido. Outro ponto a discutir diz respeito ao uso excessivo de dêiticos: -*"Como chama **esse** passarinho **aí**?*" e depois "*Nu sei, é, num sei, como chama **esse***" – e nas outras cadeias que comparecem - esse, aquele, aqui, isso - a terapeuta opera no mesmo eixo do sintoma do Sr.N., ou seja, eixo no qual ambos escancaram uma relação pautada pela designação ostensiva, na insistência significante marcada pela indeterminação do designado. Portanto, a função sintomática é a de cobrir uma desarticulação na dimensão dialogal. Por isso que os sintomas na linguagem do Sr.N. aparecem como efeitos nos estratos da escrita e da língua.

Texto apresentado na mesa redonda

Falar sobre a emergência do sujeito na clínica fonoaudiológica implica retornar à fala sintomática na trajetória de endereçamento da demanda. Implica, sobretudo, escuta para essa fala. Neste retorno, comparecem como operadores de análise: a singularidade do falante e a universalidade da teoria de constituição da linguagem; a heterogeneidade da fala e a homogeneidade dos elementos que compõem a clínica.

Nesta mesa, tenho o objetivo de discutir os sintomas de linguagem de um sujeito afásico atribuindo ordem própria a língua e não como comprometimento orgânico.

Destaco que há pelo menos duas vertentes influentes na Fonoaudiologia sobre a questão do sintoma afásico: uma que recai sob a ordem do cognitivo; outra sob a ordem do orgânico-cerebral. São dois pólos opostos que se defrontam; no entanto, em ambos, o sujeito da/na linguagem está excluído.

Entendo que lidar com casos de afasia implique pensar na relação entre linguagem e subjetividade, tal qual preconizada por Lacan, a noção de que *"a forma pela qual se exprime a linguagem define, por si só, a subjetividade"* (Lacan, 1998[1966], p. 299). Por essa via, a escrita da fala – obtida por meio da transcrição de materiais clínicos – é fundante para o fonoaudiólogo na busca pelas pistas/marcas de reversibilidade do funcionamento da linguagem. Imbrica-se, portanto, linguagem e subjetividade.

Dessa maneira, a minha proposta gravita em torno dos sintomas de linguagem no sujeito afásico a partir da releitura de Freud (1996[1886]), Lacan (1998 [1966 e 1964]), Saussure (2003[1916]), Jakobson (2003[1963]) e Lemos (2002), de modo que o mecanismo do sintoma na linguagem do sujeito se constitui por uma lógica estrutural chamada de multiestratificação.

Com isso, o funcionamento da linguagem pertence a uma estrutura múltipla de estratos e interestratos, que opera por contradição, oposição e negação e se desdobra nas dimensões: espacial, temporal e lógica da linguagem. A dimensão espacial diz respeito ao traço que se inscreve no corpo da linguagem, já a temporal pode ser pensada nos tempos e modos verbais do movimento da língua sobre o sujeito e a lógica, sob o jogo dialógico, no qual a irreversibilidade ou a reversibilidade de uma fala estaria fadada à sanção homologada entre os falantes. Por essa via, topologicamente a estrutura da linguagem funciona como uma grade, que comporta linhas que se cruzam e entrecruzam e tecem o percurso do falante no movimento da linguagem.

A fala sintomática presente sob a forma de traços em que, simultaneamente, atuam nas ordens dos estratos verticais, da escrita (enquanto letra que se inscreve no sujeito), da língua e da fala (os efeitos da fala de um sujeito sobre o outro) e sobre os estratos horizontais do próprio sujeito afásico sobre si, da sanção do outro/Outro na fala e das operações metafóricas e metonímicas. Pensar em estratos é assumir mudanças, deslocamentos e jamais fixações em determinadas posições. Por isso, a fala sintomática, de tempos em tempos, estaria submetida a rearranjos, sejam corporais, discursivos e/ou subjetivos.

O caso aqui exposto é de um sujeito afásico, que em um processo de rememoração da sua fala e de sua história enquanto falante, diz à fonoaudióloga que entre o verão e o outono "perdera" a fala após um derrame: a) ele não situa um tempo preciso, mas um período – entre verão e outono. Isso é enigmático: será que se tratou de um período em que algo lhe vinha afligindo? ; b) dizer "perda da fala"– implica na negação do significante e do sujeito. Mas se reconhece que o funcionamento da linguagem do Sr. N. sofre uma sanção no juízo do não falar, e que ressoa na escuta do outro como não pertencente à língua e, portanto, faz daquele que a profere um não falante/interlocutor reconhecido, mas sim alienado ao lugar de ser falado pelo outro e não escutado por este outro.

Em outros termos, considero a associação AVC/dissolução da fala enquanto o rompimento do sujeito com a função e o campo da fala, isto é, na emergência de um "buraco" em sua condição de falante e escutante. Passou a operar na grade da linguagem uma outra ordem de funcionamento, instaurando outras posições corporais, discursivas e subjetivas. Mais: toda essa mudança ocorreu aos 61 anos de idade nesse sujeito.

Assim, a transcrição opera numa leitura da relação subjetiva e dialógica daquilo que se inscreve no funcionamento da linguagem, pela via do traço significante simultaneamente sancionado pelas leis da fala e dos falantes. Desse modo, a análise e explicação do funcionamento da linguagem percorre ao menos três tempos simultâneos de transcrição: um que diz respeito aos efeitos dos significantes nos atos da fala, na letra que se

escreve e aos efeitos dos significante na sanção, que por meio da leitura/interpretação de uma fala, rearranjos e manejos clínicos são alçados.

Citando o caso clínico em foco, saliento que em um primeiro momento a marca sintomática que emergiu na grade da constituição dos sintomas de linguagem, diz respeito ao estrato da estrutura da escrita. Essa estrutura é a estrutura da nominação, inscrição da letra significante no corpo da linguagem, que se caracteriza pela repetição insistente dos traços alienados à sanção do outro/Outro, de maneira que entrou em cena - no caso do sujeito apresentado - um silenciamento perturbador, conhecido tradicionalmente como mutismo. Nesse sentido, ele se aliena ao outro pelo fato de não se reconhecer enquanto sujeito/falante, recusa as operações metafórica e metonímica e não possibilita a travessia pela ressignificação da inversão da mensagem, isto é, a reversibilidade entre sujeito e fala. Isto quer dizer que, de falante, Sr.N. passou a ser falado pelo Outro. Parece que a recaptura ou novas organizações da linguagem puderam ser possíveis porque precedidas, nesse tempo, de um espaço marcado pelo silêncio.

Em um segundo momento, a fala do sujeito põe em foco a imersão de cadeias discursivas; por isso, o sujeito-falante assume uma outra posição. Verificam-se restos de fala segundo novos nexos lingüísticos, a fim de recriar a estrutura dialógica e lançar outros modos de ser na linguagem. No entanto, os fragmentos da fala marcam outros sintomas na linguagem que se ancoram na lógica do traço e da língua.

No caso em tela, os erros, falhas, enganos, equívocos que a fala faz na língua e na escrita são entendidos como formas de entrever o sujeito em seu funcionamento lingüístico discursivo. Observem tal caso:

(1) F.: *Como chama esse passarinho aí?*

(2) Sr.N.: *Nu sei, é, num sei, como chama esse.*

(3) F.: *Aqui tá dizendo que chama* ***pica-pau.***

(4) Sr.N.: *Isso, aquele que joga* ***tó-tó-tó-tó, to-tó-tó-tó,*** *é,* ***passarinho****, esse, (S.I.), ganta esse aqui.*

A primeira questão que levanto é sobre a sanção à fala do paciente realizada pela fonoaudióloga. Seu corte/intervenção incidiu sobre a relação pergunta-resposta: *"Como chama esse passarinho aí?"*, ou seja, uma sanção da linha da interrogatividade, que provocou o transbordamento de um outro sintoma – anomia – em que o traço apaga a coisa, que é a recusa por abolição: *"Nu sei, num sei, como chama esse"*. Um dos sintomas que se manifesta na fala deste sujeito é o da ordem do juízo de atribuição – isso se chama X. A fala da fonoaudióloga em (1) incide, na fala do paciente em (2) que rejeita à cadeia de substituição que, em (3), retorna no nível da cadeia da sintaxe e possibilita em (4) que ele deslize pelas duas cadeias, a da sintaxe e a dos sentidos.

Há outro ponto a discutir no que diz respeito ao uso excessivo de dêiticos: - *"Como chama **esse** passarinho **aí**?*" e depois "*Nu sei, é, num sei, como chama **esse***" – e nas outras cadeias que comparecem - *esse, aquilo, aqui, isso* – a terapeuta opera no mesmo eixo do sintoma do Sr.N., ou seja, em que ambos escancaram uma relação pautada pela designação ostensiva, numa insistência significante marcada pela indeterminação do designado.

Trago, agora, outro fragmento:

(4) Sr.N.: *Isso, aquele que joga **tó-tó-tó-tó, to-tó-tó-tó,** é, **passarinho**, esse, (S.I.), ganta esse aqui.*
(5) F.: *Ele canta?*
(6) Sr.N.: *Hum?*
(7) F: *Ele canta?*
(8) Sr.N.: *Canta, fala, fala também, pequeno.*
(9) F.: *Ele canta?*
(10) Sr.N.: *Hum?*
(11) F.: *Ele canta?*
(12) Sr.N.: *Canta sim, pequeno esse aqui.*
(13) F.: *Pequeno?*
(14) Sr.N. *Ahn?*
(15) F.: *Ele canta pequeno, seu Nelson?*

Este segmento mostra que a fonoaudióloga mantém-se presa à oposição fonemática do significante “ganta” - “canta” e, ao fazê-lo, aprisiona a mensagem numa circularidade que não faz laço na fala do Sr.N, ou seja, não lhe permite levar o diálogo a outro lugar. Além disso, a insistência do indeterminativo e das interjeições na fala da fonoaudióloga tem como efeito produções vazias como “Hum? Anh?”. Uma mensagem não se desenrola, a fonoaudióloga não lança sua fala para outro nível. Aponto para uma “surdez” em cena da fonoaudióloga, que não permite que o paciente se posicione em outro estrato discursivo. Por essa via, a fala da fonoaudióloga e a do Sr. N. operam sob o mesmo estrato da linguagem, estrato esse que sucumbe o jogo dialógico a se apresentar como patológico/sintomático. Isto quer dizer que a posição discursiva-dialógica da fonoaudióloga não poderia se alocar no lugar dos sintomas e sim no lugar da linguagem.

A função sintomática neste caso é cobrir uma desarticulação na dimensão dialogal e, por isso, os sintomas aparecem nos estratos da escrita e da língua. A dimensão dialogal é aquela que opera o reconhecimento do sujeito e do significante pela transmissibilidade da mensagem. O estrato da língua diz respeito ao reconhecimento ou recusa: ou o sujeito ou o significante, isto é, a separação do sujeito ao campo do Outro. Já o estrato da escrita se insere na entrada do significante e a alienação do sujeito ao campo do Outro.

Portanto, no que se refere ao funcionamento da linguagem do sujeito, os sintomas secundários no eixo da fala e da língua redundam na reaparição de estruturas próprias ao eixo da escrita, ou seja, um problema que se encontra no terceiro estrato dialogal gerando efeitos sintomáticos no primeiro estrato da escrita. Chamou-se de “sintomas secundários” aqueles que emergem na fala de um sujeito já constituído quando acometido por uma lesão focal no centro neurológico da linguagem. Isto em oposição ao que ocorre com a criança em seu processo de aquisição de linguagem cujos sintomas primários indicam o percurso de sua posição de não falante para falante.

Referências Bibliográficas:

CID-10. "*Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde".* Décima revisão. Vol. 1. Versão on line. In: http://www.datasus.gov.br/cid10/webhelp/cid10.htm. Acesso em: 17 de julho de 2007 às 22:30 horas.

Coudry, M.I.H. *"Diário de narciso: discurso e afasia"*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Freud, S. (1996[1886]). *"Extratos dos documentos dirigidos a Fliess - Carta 52*". In.: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 1. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 281-287.

Silva, G.G. (2007). "*Por uma multiestratificação estrutural dos sintomas de linguagem*". Dissertação de Mestrado. PEPG em Fonoaudiologia da PUC-SP.

Jakobson, R. (2003[1963]). "*Lingüística e Comunicação"*. Editora Cultrix, São Paulo.

Lacan, J. (1998[1964]). *"O seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise"*. Trad. MD Magno. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

_____. (1998[1966]). "*Escritos".* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lemos, C. T. G. (2002). "*Das Vicissitudes da fala da criança e de sua investigação".* Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas-UNICAMP-IEL, v. 42, p. 41-69.

Plataforma Descritor DeCs/MeSH. Versão on line. In.:http://www.bireme.br. Acesso em 14 de julho de 2007 às 19:56.

Saussure, F. (2003[1916]). *Curso de lingüística geral*. 25 ed. São Paulo: Cultrix.